

1. Introdução

Este estudo faz uma leitura comparada da poesia de duas autoras, distantes de quarenta anos em suas estréias: Sophia de Mello Breyner Andresen e Adília Lopes. O primeiro livro de Sophia, *Poesia*, vem a lume em 1944. O primeiro livro de Adília, *Um jogo bastante perigoso*, é publicado em 1985. O que nos leva a aproximá-las é, no entanto, um problema da modernidade artística com que Sophia se depara e que, meio século mais tarde, voltará a surgir na obra de Adília: o lugar da poesia na cidade dos homens. Em contextos diferentes, a resposta de cada uma dessas autoras à questão tem particularidades que merecem ser analisadas a uma luz mais forte.

Há certas frases de Sophia de Mello Breyner Andresen que nunca passam despercebidas a qualquer reflexão sobre a sua obra. Ao escrever sobre a arte grega e descrever os princípios que a regem — princípios que Sophia tomará como referências para a sua própria produção —, ela diz: “Pois o Kouros é didáctico: ensina um projecto moral. O corpo educado por uma cultura que é cultura do corpo e do pensamento ensina uma atitude no lugar e no tempo da vida.”¹ De maneira menos oblíqua, porque tratando da poesia em geral e da sua própria poesia, num discurso depois transformado em “Arte poética III”, e posteriormente publicado na abertura de sua obra poética reunida, encontra-se a afirmativa: “E é por isso que a poesia é uma moral.”²

Quando iniciamos a pesquisa de mestrado, eram precisamente essas as frases que nos interrogavam e nos instigavam a descobrir de que moral falava Sophia, em que consistia o projeto moral que a sua arte ensinava, que referências estavam ali combinadas e reunidas numa síntese própria. Na impossibilidade de sistematizar o pensamento ético que se mostra na obra andreseniana, o caminho encontrado foi a leitura comparada com dois filósofos cujo rastro se fazia sentir nos poemas, contos e ensaios. A resposta que se encontrou é que a obra de Sophia se encaminha para a compreensão do “tudo-um”, de Heráclito, e, ao fazê-lo, cumpre um percurso de

¹ ANDRESEN, S. M. B. *O nu na Antiguidade clássica*. 3.ed. Lisboa: Caminho, 1992, p. 45.

² ANDRESEN, S. M. B. *Livro sexto*. Edição definitiva. Edição de Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2003, p. 73. Col. Obra poética.

aceitação da finitude. Daí a afirmativa radical com que se inicia o primeiro capítulo da dissertação: “A poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen é uma tentativa de viver neste mundo.”

Hoje a atenção desloca-se para a outra parte das frases de Sophia. A questão agora não é mais que moral, mas que poesia; melhor dizendo: como a poesia pode ser uma moral? É como se agora se tratasse não de um projeto moral, mas especificamente de um projeto poético que se quer projeto moral. Num depoimento à revista *Relâmpago* sobre Sophia, Herberto Helder compreende o problema nos seguintes termos: “Sabe-se agora que *ética* significa o rigor de escrever *estética*.”³ A pergunta que se formula é: o que é esta poesia que é também uma moral? Qual é, segundo a obra de Sophia, o papel da poesia? Como pode ela influenciar a vida e o destino dos outros homens?⁴ Qual pode ser a sua função?

A função social da arte e do artista é um problema sobre o qual muitos autores se têm debruçado. A modernidade pós-romântica é prolífica em abordagens dessa questão. Quando o poeta se torna também crítico, há muitas vezes uma reflexão teórica a acompanhar a produção artística. Nesse contexto, talvez a reflexão andreseniana, expressa nas frases citadas, tenha um sabor de anacronismo num tempo em que se separaram por completo (?) as esferas da arte, da moral e da ciência. Talvez ela pareça um recuo àquilo com que artistas como Edgar Allan Poe, Baudelaire, Flaubert e, no contexto português, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, mais pugnaram: a idéia de que um poema deveria inculcar uma moral. Mas antes de ceder a essa oposição simples, é preciso lembrar que a presença intertextual de Fernando Pessoa é incontornável na obra andreseniana, ela mesma filiada a uma tradição de modernidade.

Mais uma vez à procura de examinar as coordenadas da obra de Sophia, procuraremos agora orientar-nos por critérios que lhe são intrínsecos e não tanto pela aproximação com outros autores. O que se deseja fazer portanto é uma leitura do que

³ HELDER, H. “Paradiso, um pouco.”. *Relâmpago*, n. 9, outubro de 2001, p. 98.

⁴ ANDRESEN, S. M. B. *Livro sexto*. Edição definitiva. Edição de Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2003, p. 74. Col. Obra poética.

se poderia denominar o pensamento estético de Sophia de Mello Breyner Andresen, um pensamento presente em toda a sua obra em verso e prosa, especialmente nas numerosas artes poéticas e nos ensaios que dedicou a outros artistas. Dedicar-nos-emos à poesia publicada em livro, mas a restante obra de Sophia poderá servir-nos de apoio no esclarecimento de questões. Importa-nos ver que fios ela puxa do projeto moderno, que tem, no contexto português, Fernando Pessoa como expoente, e em que se distancia desse projeto.

A identificação da arte com a moral leva o nosso olhar a deter-se na obra de uma poetisa contemporânea, admiradora declarada de Sophia. Sobre seus poemas, diz Adília Lopes: “Meus textos são políticos, de intervenção, cerzidos com a minha vida.”⁵ Numa entrevista anterior, declarou: “Para mim, o ético e o estético são a cara e a coroa, as duas faces, de uma mesma moeda.”⁶

Antes de mais, as duas declarações impressionam pela coragem. Não pode passar despercebido o fato de que cerzir o texto com a vida é praticamente o oposto do que fez Fernando Pessoa, ao cumprir uma quase epopéia de separação do sujeito empírico e do sujeito lírico.⁷ Nesse ponto, os termos usados por Adília aproximam-se dos de Sophia — também ela em grande medida uma “opositora” de Fernando Pessoa —, quando afirmou que o poema “é uma realidade vivida, integra-se no tempo vivido”⁸. Mas Adília leva adiante a cerzidura do texto com a vida, propondo uma identificação do sujeito lírico com o sujeito empírico. Diz o primeiro poema de *Floribela Espanca espanca*: “Este livro / foi escrito / por mim”⁹.

A expressão “de intervenção” também é digna de exame, pois soa fortemente a projeto neo-realista, com o conseqüente objetivo de que a literatura esteja a serviço de uma transformação social imediata. Mas, se a declaração pode sugerir esse caminho, a leitura dos poemas de Adília nos afasta de qualquer aproximação com o neo-

⁵ LOPES, A. *A mulher-a-dias*. Lisboa: & etc., 2002, p. 6.

⁶ LOPES, A. Entrevista à revista *Inimigo Rumor*, n. 10, Rio de Janeiro, 7 letras, 2001.

⁷ Lembre-se o trecho da carta a Adolfo Casais Monteiro sobre a gênese dos heterônimos: “[...] em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve.” (PESSOA, F. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998, p. 97.)

⁸ ANDRESEN, S. M. B. *Livro sexto*. Edição definitiva. Edição de Luis Manuel Gaspar. Lisboa: Caminho, 2003, p. 74. Col. Obra poética.

⁹ LOPES, A. *Obra*. Lisboa: Mariposa Azul, 2000, p. 399.

realismo. Em Adília, tudo se mistura. São seus personagens o mau poeta, o vendedor de Bíblias, as solteironas, Marianna Alcoforado, Diderot, Ricardo Reis e muitos outros. Numa obra marcada pela abundância de citações comparecem com o mesmo à-vontade Camões, cantigas trovadorescas, Agatha Christie e Cesário Verde apenas para mencionar alguns.

Cotejando os poemas e as declarações, surge a suspeita de que há algo semelhante ao “projecto moral” andreseniano a subjazer à poesia “de intervenção” adiliana. A par dos inúmeros versos de Sophia por esta citados, o que parece aproximar as duas autoras é uma certa atitude e um certo entendimento do papel da poesia no lugar e no tempo em que vivemos. É certo que, ao ler os poemas de Adília, a maior parte das vezes nos sentiremos muitos distantes do universo composto pelos substantivos *mar, praia, cal, casa, jardim*, e pelos adjetivos *limpo, liso, branco, justo, claro* que dão volume e consistência à obra de Sophia. Pela mão de Adília, depararemos com um vocabulário variadíssimo que pode incluir *xampu Johnson’s, papelotes, caixa de soutiens, baratas, aeroporto*, e entre os adjetivos *desfeito, infeliz, fake, humilhante*.

Essa pequena amostra do vocabulário de cada uma já transmite a impressão de que com Sophia estaríamos num mundo de substantivos concretos (um dos elogios que João Cabral de Melo Neto lhe teria feito), é certo, mas um mundo concreto que seria, por assim dizer, mais elevado. Adília, ao incorporar os objetos de consumo do cotidiano e as ações banais — como tomar o pequeno almoço, consultar um médico, assistir a filmes ou manter relações sexuais — parece deslocar e ampliar um projeto de atenção à imanência. Esta a hipótese que colocamos.

Além de estar atenta ao mundo concreto — sem contudo perder de vista a dimensão do divino, assim como Sophia —, a poesia de Adília, ao incorporar todos esses elementos tidos como baixos, aprofunda um questionamento sobre o que deve ser a poesia, de que ela pode tratar, qual é o sentido de fazer poesia “em tempos de penúria”.

Portanto, é esta Adília que nos interessa. A questão é saber como se constrói a sua poesia nessa dupla filiação: a tradição da poesia moderna e a obra de Sophia.

Investigar que tratamento dá a poetisa contemporânea ao problema do papel que pode ter a poesia.

Não se trata, assim, de um estudo biográfico sobre as autoras, nem sequer das suas personas públicas. Não pesquisamos seus arquivos pessoais, não focalizamos as suas opiniões a respeito desta ou daquela questão particular. A trajetória político-intelectual de Sophia — desde a sua origem como membro de uma família aristocrática do Norte a deputada pelo Partido Socialista na Constituinte de 1976 — seria objeto de estudo relevante para uma abordagem sociológica da sua obra, mas fica fora do escopo desta pesquisa. O mesmo vale para as aparições televisivas de Adília Lopes. No entanto, os discursos, as declarações feitas à imprensa, as entrevistas podem auxiliar na leitura de questões suscitadas pela obra poética de ambas. É sobre esta que se debruça a nossa atenção. Pois Sophia e Adília defendem a existência de um lugar para a poesia num tempo de penúria. Sabem que a poesia é ela mesma transformadora e criadora de mundo.

Cabe ainda apontar que há decerto diferenças metodológicas no estudo da obra de cada uma das autoras. Sophia é uma autora consagrada e a fortuna crítica da sua obra é vasta. Ainda que não conheçamos qualquer estudo relacionando a sua poesia com a de Adília, certas leituras anteriores enformam o nosso olhar. Há um recurso mais freqüente à bibliografia crítica quando se trata de Sophia do que quando se trata de Adília, sobre cuja obra os estudos ainda são poucos. Tentamos fazer aqui um levantamento (que nunca poderá ser exaustivo) de artigos, ensaios e teses (apenas duas) sobre a sua obra. Como é uma autora ainda relativamente recente, esperamos que este trabalho possa ajudar a construir um corpo crítico em torno da sua obra.

Há no fim deste trabalho alguns anexos compreendendo textos das duas autoras a que nos reportamos por diversas vezes ao longo do percurso. Por não estarem reunidos em livro e nem sempre serem de fácil acesso, transcrevem-se aqui três ensaios de Sophia, um texto em prosa de Adília e uma entrevista a nós concedida por ela. Esperamos que possam representar também uma contribuição para os estudos sobre a obra das duas autoras no Brasil.